
PREFÁCIO

Mundialmente, milhões de catadores e catadoras, na sua maioria desorganizados, trabalham catando materiais recicláveis em lixões, aterros, ou nas ruas, recuperando-os para a reciclagem. São estigmatizados e explorados, vendendo para intermediários que pagam pouco, trabalham sob condições precárias, manuseando materiais cortantes e contaminados, expondo-os a riscos de acidentes e de saúde ocupacional. São considerados como populações vulneráveis, definidos pelas condições de trabalho insalubres e pela pobreza sistêmica. Essas características de exclusão socioeconômica não diferem entre os catadores de diferentes lugares, seja no Canadá, na Índia ou no Brasil. Prevalece a invisibilidade e a falta de reconhecimento da atividade exercida pela maioria desses trabalhadores, que recuperam materiais recicláveis dia após dia, reinserindo-os em economia circular. Esse é apenas um lado da história, há outro lado que também não é bem conhecido.

Durante as últimas décadas os catadores têm se organizado em diferentes formas e níveis, formando cooperativas, associações, redes, federações ou sindicatos, realizando conferências e capacitações. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCMR) hoje agrega aproximadamente 85 mil catadores organizados no Brasil, ou seja, entre 20 e 25% de todos os

catadores do país. O universo desses grupos organizados não é homogêneo, varia em número de membros, composição de gênero, nível de organização, equipamentos e recursos, assim como em grau de organização, politização e formação; tudo refletindo também diferentes níveis de renda e de bem-estar. A organização tem trazido muitos avanços para os catadores, principalmente maior visibilidade e penetração na esfera pública. A cooperativa oferece espaço, equipamentos e condições dignas de trabalho, além de criar oportunidades para a formação e o desenvolvimento humano (especialmente para as mulheres), recuperando a cidadania de indivíduos que na sua maioria têm vivido em situação permanente de exclusão social.

Com o respaldo do Movimento, os catadores organizados no Brasil estão participando na formação de políticas públicas, conquistando novos espaços de poder político. Com a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), hoje o Brasil tem uma legislação avançada, que possibilita a inclusão socioprodutiva de catadores na prestação de serviços de coleta seletiva. A lei obriga os municípios a formarem contratos com cooperativas locais para a coleta seletiva, garantindo à cooperativa o acesso aos materiais recicláveis. Apesar da falta de ‘vontade política’ de muitos governos municipais, já existem algumas experiências de coprodução bem sucedidas, principalmente no estado de São Paulo, demonstrando a capacidade dos catadores em exercerem distintos papéis na gestão de resíduos sólidos e na cadeia dos materiais recicláveis, variando desde a coleta porta a porta, triagem, classificação e venda dos materiais; adicionando valor pela transformação de materiais específicos (e.g. plásticos para *pellets*; óleo de cozinha para ração animal ou sabão); educação ambiental (palestras em escolas e universidades, diálogo com os munícipes); e coleta específica em empresas e indústrias (inclusive grandes geradores).

No entanto, a sociedade em geral não conhece o trabalho e nem a história de vida e de luta dos catadores e muito menos sabe sobre as dificuldades e complexidade de se operar uma cooperativa. Ao longo dos anos, os catadores e principalmente as mulheres têm se aprimorado significativamente, para estar à altura desses desafios. Observamos diversas inovações sociais nascidas entre os catadores, abrangendo desde adaptações tecnológicas para aprimorar os processos da coleta, separação, estoque e venda; gestão da cooperativa; estratégias de resolução de conflitos; transformação de novos materiais, entre muitos outros.

Precisamos acercar a sociedade aos catadores, para que seja possível conhecer a sua realidade e entender que os catadores também são trabalhadores, uma categoria que presta um serviço honorável para a sociedade. As instituições

governamentais e não governamentais, por igual, devem abraçar a causa dos catadores, apoiando a sua luta, auxiliando na regularização de associações e cooperativas. Essa aproximação trará efeitos cascata ajudando-nos a ver aonde vai parte dos nossos resíduos e como eles podem se transformar em recurso e ter um ciclo maior de vida, poupando a natureza. O preço do material reciclável depende da sua qualidade na separação, que por si está ligado ao nível de contaminação dos recicláveis descartados. Separação limpa na fonte faz a diferença para os catadores, diminuindo riscos de saúde e aumentando o preço dos materiais na venda.

O presente livro, tem o grande potencial de cobrir essa lacuna, levando o universo dos catadores para o público interdisciplinar do ensino superior. Os professores que desenvolveram esse livro podem provocar mudanças, ao trazer o trabalho e os desafios dos catadores para a sala de aula, ao engajar-se na tarefa da extensão para a resolução dos múltiplos entraves que dificultam o sucesso do trabalho organizado dos catadores. Os alunos podem incorporar nas suas áreas de estudo (medicina, urbanismo, geografia, arquitetura, ciências ambientais, engenharia ou design) o viés dos catadores visando a sustentabilidade; ou seja, o design e a produção de materiais novos que se inserem na economia circular pós-consumo.

Talvez o papel dos catadores como educadores seja o rol mais importante. Justamente por esses trabalhadores manusearem lixo e resíduos diariamente, por muitos anos, às vezes por toda a vida, aprendendo dos pais ou avós, é que estes são verdadeiros embaixadores ambientais. Eles conhecem os materiais que aparecem na coleta e eles entendem as consequências do consumo moderno, ainda predominantemente baseado na linearidade (extração – consumo – descarte), desde a concepção do produto até o ato de jogar no lixo. Eles recuperam produtos para o reuso e a reciclagem e eles se espantam pelo desprezo que a sociedade consumista tem com os recursos naturais embutidos em todos os resíduos sólidos, descartando diariamente produtos e embalagens que contaminam e destroem o meio ambiente e que provocam alteração no clima. O catador Tião (Sebastião Carlos dos Santos) expressou isso tão apropriadamente durante uma entrevista no aterro de Gramacho, no Rio de Janeiro, anos atrás: *As pessoas consomem muito e é tão exagerado e desnecessário, e o pior é que as pessoas não pensam...hmmm...é, eu acho que todo mundo, em todo lugar no mundo pega o seu lixo e coloca na porta de suas casas, e os catadores vêm e coletam e o lixo desaparece. Entende? Achando que evapora, que não ocupará um lugar no espaço... que irá se decompor no meio ambiente... Então eu acho que antes*

das pessoas consumirem, eles deveriam pensar sobre reciclar também. Precisamos consumir de uma maneira sustentável, de uma maneira consciente.”

Catadores no mundo inteiro estão se conscientizando do papel ambiental importante desempenhado por seu trabalho. Hoje isto é particularmente crítico, estamos começando a entender a complexidade da atual crise do clima e não podemos desperdiçar mais nem recursos naturais e nem recursos humanos. Os catadores, independentemente do lugar, são os nossos aliados contribuindo na redução da emissão de gases de estufa, na conservação de ecossistemas pela redução de extração de novas matérias-primas, e na diminuição do vazamento de plásticos para o meio ambiente e oceanos. Tudo isso também pode ser expresso através dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) proclamados pelas Nações Unidas, para os quais os catadores organizados já estão contribuindo de forma significativa. As mulheres catadoras, em específico, ocupam uma posição central nessa importante transformação social e ambiental.

Jutta Gutberlet